

COMUNICAÇÃO ORAL - GT 24 | PSICOLOGIA POLÍTICA DO
RECONHECIMENTO E DAS MINORIAS

**O NARCISISMO DAS PEQUENAS DIFERENÇAS E O ESTRANHO
FREUDIANO: REFLEXÕES SOBRE O ÓDIO E A VIOLÊNCIA NO
CONTEMPORÂNEO**

Mauro Da Silva De Carvalho (maurosilvacarvalho@gmail.com)

A despeito da constatação, contrária a noção do senso comum, de que o homem em sua origem não é um ser bom e pacífico, as lições extraídas do percurso teórico freudiano denunciam que o entrelaçamento da constituição dos indivíduos e da cultura fundam, no campo da teoria do conhecimento, uma noção do indivíduo marcada por um caráter paradoxal, onde o narcisismo, o ódio e a agressividade, coabitam, de forma tensa e conflituosa, com a solidariedade e o amor para com seus iguais. Freud (1930) afirmará que a vida em sociedade/cultura só seria possível pela existência de indivíduos que compartilham os mesmos ideais, fruto da renúncia de parte de si (de seus impulsos) em prol de uma vida gregária, unindo-os a partir do amor narcísico compartilhado pelos iguais. Existiria, no entanto, aqueles que diferem, que não fazem os mesmos sacrifícios ou se resignam para serem dignos da experiência gregária além de não compartilhar os mesmos valores (“alta cultura” - cultura europeia) e, por isso mesmo, seriam uma fonte de temor e ameaça as convicções individuais e para as conquistas culturais coletivas. Além desta diferença fundamental, Freud, no decorrer de sua obra (1920; 1930; 1939) apontará para a existência de uma outra, fruto do que ele chamará de “narcisismo das pequenas diferenças”, onde a cor da pele, religião e os

regionalismos (alemão/franceses, norte/sul, as quais poderíamos somar, contemporaneamente, as questões de gênero, as lutas identitárias, etc.), dentre outras, darão contornos sutis a figura que ele nomeará como o “estranho”. Esta figura, representada por grupos minoritários e parcelas da população marginais ou mesmo excluídas dos ideais elevados da cultura, seria digna apenas de um amor universal difuso, tal como o que se tem pela natureza (1930), não sendo digno de compartilhar do sentimento gregário daqueles considerados semelhantes, transformando a diferença ali expressa um alvo de todo ódio e hostilidade não assimilados pela cultura (impulsos originários de agressividade). Despojados da solidariedade dedicada aqueles narcisicamente semelhantes, os estranhos, neste sentido, tornam-se objetos aos quais os culturalmente incluídos direcionam, sem culpa, todo o ódio encarnado pela diferença que eles representam, transformando a violência (em suas múltiplas facetas, incluído aí as mais mortíferas) numa fonte de satisfação e prazer (impulsional) e algo capaz fortalecer o vínculo entre aqueles que compartilham os mesmos ideais. A partir deste recorte trágico do pensamento freudiano, cabe-nos, no escopo deste trabalho, analisar a realidade brasileira e suas múltiplas facetas, refletindo, por exemplo, sobre as diferentes formas de preconceito (racial, gênero, etc) e violência pois, sendo ela de ordem estrutural, como podemos, a partir da compreensão do fenômeno e de possíveis alianças teóricas, dentro e fora da psicanálise, enfrentar esta questão na contemporaneidade?